

3ª EDIÇÃO | MARÇO '24

# FADISTA

[www.fadocale.pt](http://www.fadocale.pt)

FOTOGRAFIA : AURÉLIO VASQUES

MARIA AMÉLIA  
PROENÇA

CLUBE DE FADO

ENTREVISTAS

MARIA AMÉLIA PROENÇA

LUÍS GUERREIRO

TÓPICO

O SILÊNCIO | RODRIGO COSTA FÉLIX

**FADISTA**  
**CALE**  
**DO**

**JORNAL DO FUNDÃO**

Montepio **SAÚDE**

# Seguimos a sua saúde de perto

Saúde, qualidade de vida e bem estar dependem do equilíbrio entre o corpo e a mente. Por isso, e para que os nossos associados usufruam dos melhores serviços e cuidados de saúde, desenvolvemos soluções especializadas, prontas a responder a todas as fases da vida.

Do Plano Montepio Saúde aos cuidados prestados pela Residências Montepio, passando pelo apoio domiciliário ou pela teleassistência, reunimos respostas completas que podem fazer muito por si e pelos seus.



**Montepio**  
Associação Mutualista  
Juntos por todos

Saiba tudo em  
[montepio.org/saude](http://montepio.org/saude)

Montepio Geral Associação Mutualista . IPSS . DGSS n.º 3/81 . NIPC 500 766 681  
Sede: Rua Áurea, 219 a 241 . 1100-02 Lisboa

# MARIA JOÃO QUADROS 1948 - 2023

Por Francisco  
Salvação Barreto



O Fado é feito de pessoas. Pessoas que passam pela vida com a urgência de partilhar o que sentem, o que ambicionam, o que amam e o que choram. Não poucas vezes o que choram. A tristeza, o desalento e a morte são o que mais nos desinstala na correria da vida. Há lugar para a esperança, para o amor. Sim. Mas a dor é que é verdadeiramente transformadora.

Por isso, nos dias de hoje é difícil confrontar-nos com ela. Aceitá-la.

O Fado aparece assim como “uma pedrada num charco” de pouca profundidade, numa altura de aparentes facilidades e de felicidade obrigatória.

Confrontar-nos com as nossas fraquezas e deixarmo-nos comover pela beleza da vida com todas as suas alegrias e contrariedades é caminho duro mas fecundo de crescimento.

Tenho a certeza que o que mais me comoveu quando ouvi esta música pela primeira vez foi a dignidade e a fortaleza com que os fadistas se expunham de forma inteira. Nunca pela metade. Nunca com medo. O desespero, a paixão e a raiva partilhados com uma contenção nobre. Sem artifícios, sem máscaras e sempre digno. Sempre.

Por isso é que o Fado não é uma música qualquer. E é património duma gente que o tem como forma maior de expressão. O património cultural herda-se. Somos herdeiros das vidas e cantares dos que nos antecederam. E cabe-nos, também, a responsabilidade de o mantermos vivo para os que nos seguirão.

Sempre foi assim. Os códigos, as melodias, as histórias e as vidas que foram sendo passadas pelos nossos maiores alicerçadas na generosidade de se darem ao outro. Espera-se o mesmo de nós.

Esta herança nem sempre é fácil. Principalmente quando este nosso Fado feito de pessoas é engolido pela morte.

Sem pessoas, o Fado não é fado. Estou ainda a tentar perceber como será o meu Fado sem a Maria João.

Resta-me a esperança de, algures, se abrir uma janela.

19 Fevereiro - 2024



## FICHA TÉCNICA

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão

Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco

Coordenação: Leonel Barata e Diogo Pinto

Design e paginação: Francisca Aranda e Diogo Pinto | Editor: Rui Peleção

Textos: Francisco Salvação Barreto, Beatriz Felício, Rodrigo Costa Félix, Museu do Fado, José Geadas, Leonel Barata e Teresa Fonseca. Secção de Coimbra: João Carlos Oliveira convida João Paulo Sousa | Tiragem: 8000 exemplares | Impressão: Grafisol

Contactos: Jornal do Fundão | Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c, 6230-496 Fundão

Contacto: 275 779 350 | Email: redacao@jornaldofundao.pt

www.jornaldofundao.pt

## ÍNDICE

<b>Entrevista</b> Maria Amélia Proença	04
<b>Artigo</b> O Silêncio	08
<b>Clube de Fado</b>	10
<b>Personalidades</b> Joel Pina	12
<b>Entrevista</b> Luís Guerreiro	14
<b>Memória</b> JF entrevista Amália	17
<b>Artigo</b> Guitarra Portuguesa	18
<b>Eventos de Fado</b>	21
<b>Giradiscos</b>	22

# Beatriz Felício entrevista Maria Amélia Proença



FADISTA 4

**Maria Amélia Proença, quando aos 8 anos venceu a Taça Amália Rodrigues no “Concurso Ecos de Portugal” como é que imaginava o Fado no futuro da sua vida?**

Com 8 anos é normal que eu nem pensasse nisso, nessa idade eu só pensava em brincar, e tal como hoje, cantava só pelo gosto de cantar, nunca pensando ser o Fado, a minha vida.

**Lembra-se de qual foi o Fado que cantou neste mesmo concurso, na sala Casablanca (dentro do Parque Mayer), ainda menina?**

Sinceramente, não! Tinha 8 anos já lá vão 77...

**Já imaginava que ia ser uma fadista conceituada e de referência?**  
Impossível pensar nisso com aquela idade. (Risos...)

**Como era o ambiente no Solar da Alegria, ou no Café Mondego, naqueles idos anos 40?**

Nesse tempo, a maior parte dos sítios que davam fado, eram cafés, como por exemplo: o Café Mondego, o Café Latino, o Café Vera Cruz, o Café Luso (com entradas pagas), entre outros... e menos em restaurantes, como o são hoje em dia.

O ambiente era bom entre os fadistas que já cá andavam, e quando aparecia alguém mais novo com algum valor, eles acarinavam-nos.

**Teve alguma referência fadista para si em jovem, que tenha sido importante para o seu percurso?**

Naquela altura, e através da rádio, a fadista que eu mais ouvia era Amália Rodrigues, e por isso é que eu sabia as letras que ela cantava.

Ela cantava na telefonia e eu cantava no meu quintal.

**Antigamente não dava para puxar os temas para trás, como é que fazia?**

Pois, não dava, ficávamos ali à espera que voltassem a passar...

**Como foram artisticamente os seus anos 60?**

Olha, devo dizer-te que os meus anos 60 no fado foram maravilhosos.

Nos anos 60 fui várias vezes ao estrangeiro, corri praticamente a Europa quase toda, (onde em alguns países cheguei a viver), e corri o Oriente, (sítio onde naquela altura, não era habitual ir-se, com a exceção da Diva Amália Rodrigues).

Também neste sentido, a vida tem sido generosa comigo, aconteceram-me coisas maravilhosas relacionadas com o fado.

**Conte-nos a experiência que teve de 7 meses em Macau?**

No início dos anos 70, fui convidada a atuar no Hotel Lisboa em Macau, onde cantei durante 7 meses todas as noites, e através desta “residência” tive o privilégio de ter sido também con-

vidada para cantar no Japão, Singapura, Tailândia, Ilha Formosa, etc...

Devo dizer-te que foram 7 meses maravilhosos. E apesar de não falar inglês, entendia-me bem com eles. Gostei mesmo muito da experiência!

“Já não vejo o sol nascente  
É noite dentro de mim  
Eu vivo de amor ausente  
Minha noite não tem fim”

#### **Canta em Maldito Desejo.**

**A Maria Amélia carrega consigo a tristeza que o Fado parece ter?**

Não, não carrego essa tristeza no dia-a-dia. Embora consiga encontrar maior beleza na tristeza do que canto, do que na alegria.

#### **Quais os seus critérios de escolha do seu repertório?**

Eu tenho de cantar o que me faz sentido. Cantando a vida, nem sempre canto a minha, mas quando escolho determinados versos para cantar, procuro cantar o tema que mais me cativa, o amor nas suas mais variadas formas, tais como: a paixão, o ciúme, a traição, para além de gostar muito de cantar a nossa cidade, Lisboa.

Por curiosidade, ficas a saber que naquela altura, havia o hábito dos poetas nos visitarem onde estávamos a cantar, e por vezes, enquanto nos ouviam, estavam a escrever-nos letras novas, conhecendo o estilo de cada uma.

#### **Uma vida inteira entregue ao Fado. Sente-se cumprida pelas horas que o Fado lhe deu?**

*Se o fado é vida, a minha está cumprida.*

#### **Ainda há alguma coisa que não fez e que gostava de fazer?**

Se calhar há de haver alguma coisa que ainda não fiz e que gostava de ter feito. Por exemplo: teatro fiz, andei integrada numa mini-revista (sempre a cantar), pelo país todo, com o Henrique Viana, com o Luís Mascarenhas, com a Natalina José, com a Mariema, e com o Camacho Costa, que foi quem me convidou.

Quando era miúda fiz cinema, fazendo parte de um filme, do qual não me recordo o nome, mas lembro-me de ter feito de filha da grande Hermínia Silva .

No entanto gostava de cumprir o desejo de ir cantar ao Brasil, entre outros... (Risos)

“

*Realmente não tenho razão de queixa de nada da minha vida artística. Bela aventura!*

”

#### **E do que mais tem saudades de outros tempos?**

Oh, tenho saudades de não ser mais nova...mas isso é impossível... (Risos).

Bem sei que os tempos são outros, mas parece-me haver menos respeito nos dias de hoje por parte da geração mais nova, pela geração mais antiga.

Há colegas de quem eu sinto saudades, olha por exemplo: tenho saudades de andar na paródia com o António Rocha até de manhã...! (Risos)

#### **As casas de fado serão sempre para si o centro do universo fadista?**

Naquela altura eram, embora tivéssemos muitos espetáculos no país, os fins-de-semana eram sempre bastante preenchidos, não havia mãos a medir, embora não fosse para todos, quase toda a gente trabalhava, mas isso também acontece agora, uns trabalhavam mais do que outros.

Mas sim, as casas de fado são e serão sempre o centro do universo fadista, pois permitem cantar num ambiente mais intimista. Para além de serem as nossas escolas, são sítios onde podemos testar e criar os nossos próprios fados.

#### **Como é a sensação de apresentar o Fado num espantoso palco como o Concertgebouw onde atuou em 2000?**

O Hélder Moutinho convidou-me para ir fazer a passagem do milénio, e como digo (quase) sempre que sim a tudo, disse: vamos lá à Holanda!

Posso dizer que conhecia bastante bem a Holanda e a Alemanha, mas neste sítio era a primeira vez. E cá vai a Maria Amélia Proença para lá! Ora bem, eu não sei falar, nem inglês nem holandês, mas levava comigo o Rui Mota que me traduzia tudo. O maestro da Nederlands Blazers Ensemble, pediu-me para enviar um disco meu para escolherem os temas que eu iria cantar, e foram escolhidos os Alamares, o Fado Bacalhau, e a Crónica do Ribatejo. Se já ía nervosa, mais nervosa fiquei, quando soube que tinha de cantar em francês com o cantor guineense, Momo Wandel Soumah, que também iria participar no concerto, concerto esse transmitido para todo o mundo, mas aventureira como sou...atirei-me aos leões e lá me saí! (Risos...).

A produção escolheu o vestido, a condizer com os fatos dos músicos da orquestra e com os convidados, vestidos de gala.

Aquilo era enormíssimo, cantei na sala grande, estava à pinha, pois claro, passagem do milénio, tudo bem vestido, de smoking, e vestido até aos pés...

A sensação foi maravilhosa, eu adorei lá estar, fui muito bem recebida, eles foram carinhosos comigo, foi uma experiência muito emotiva, ao ver uma sala daquelas cheia, com o público todo de pé, a aplaudir-me, só queria que tu visses Bia. Realmente não tenho razão de queixa de nada da minha vida artística.

Bela aventura!

#### **O que os jovens fadistas mais deveriam procurar nos fadistas mais antigos?**

Obviamente que não são todos, mas por exemplo, acho que deviam ter mais rigor na aprendizagem das letras e músicas dos fados tradicionais (englobo fadistas e músicos).

*Ouço muita gente a cantar bem, mas acho que não respeitam os compositores, pensando que fazem melhor que o próprio, descaracterizando a música com volti-*

***nhas e maneirismos, tudo por uma questão de ego.***

Os fadistas, devem ter o cuidado de aprender a dividir as orações, a ter uma dicção perfeita, e assim sucessivamente, porque o fado não é só ter voz e compasso. Foi talvez o que viram em mim, porque eu tenho uma maneira de cantar própria, e tu já reparaste nisso, percebe-se tudo aquilo que eu digo, eu não “como” as palavras. Quando há alguma dúvida ou dificuldade, deveriam ter a humildade de vir perguntar a quem realmente sabe e anda há muitos anos a cantar, tal como eu fiz no meu tempo.

Por exemplo: o Carlos tem uma música que eu gostava de cantar, não sei se me ficava bem, mas há um bocado ali que não me entra, e eu digo “oh Carlos daqui para ali, eu já sei, só preciso que me digas desta parte àquela, porque é ali que tenho dificuldade, não foi assim que fizeste, pois não?” É desta humildade que falo, e eu tenho 85 anos, e não tenho vergonha de pedir ajuda quando não sei.

**Sente que a continuidade do Fado está segura?**

O fado não vai morrer, isso nunca! Há-de haver sempre quem cante, eu sinto que há muita gente, rapazes e raparigas que cantam bem, e que é uma pena que eles não se aprimorem para serem melhores.

Há de facto, muita malta nova a cantar, mas não há assim tantos, tão bons como pensam...se a pessoa não tem queda para cantar, não canta!!

Há mais profissões sem ser o fado... se calhar, não existirão muitas profissões em que se ganhe dinheiro facilmente, e o fado infelizmente tornou-se uma forma fácil de ganhar dinheiro. É a verdade!



**Que conselhos a Maria Amélia Proença de 85 anos, gostaria de dar à menina de 8 anos que já cantava em público?**

Se gostas tanto de cantar, como eu, procura sempre ser o melhor possível e procura ter respeito pelo que fazes, e fazê-lo com toda a verdade. Conhece o passado para poderes construir alicerces para o futuro.

**Há algum Fado que quisesse ter cantado e nunca calhou ter cantado?**

Podem existir alguns que sim, mas de forma geral, os que gostei mais, fui buscá-los e torneio-os meus, através da minha interpretação. Para além de ter muita facilidade em aprender músicas, tenho também facilidade em interpretar as letras, e com isso, tornar “meus” os fados.

**O que é o Fado para si?**

O fado faz parte da minha vida, é o meu respirar, eu necessi-



to de cantar, e não te sei dizer porquê... Eu adoro cantar! Não canto por frete... quando vou cantar, esteja bem ou mal, canto sempre com vontade e entrega total. Mesmo que essa vontade não exista no momento, ela aparece logo, assim que chego ao local da actuação.

Eu canto porque gosto, e preciso de o fazer. O fado é aquilo que me alimenta a alma.

E se os músicos forem bons, a fórmula fica perfeita. O Jaime Santos, o Manuel Mendes, o Prof. Martinho d’Assunção, o José António Carvalhinho, entre outros, puxavam por mim, e desafiavam a minha criatividade. E era tão booommm! Sentia-me tão bem. Eles inspiravam-me! Adoro o Carlos com o José Manuel Neto, ou com o Luís Guerreiro. Eles enchem-me as medidas a tocar, e isso é importantíssimo. Para mim, o fado também é isto.

**Quer mencionar algum sítio especial/particular onde tenha cantado?**




Olha, minha querida Bia... É para mim, uma grande honra saber que fui a primeira fadista a cantar no Castelo de Windsor para a Rainha Isabel II. Tenho muito orgulho nisso.

**O que é que gostava que dissessem da fadista Maria Amélia Proença daqui a 50 anos? Da minha parte sabe as respostas. (Rimos...)**

Nessa altura já ando de bengala, (riu-se!) Olha, que as pessoas, entendam que tudo o que fiz no fado, fi-lo com amor, respeito, verdade e muita paixão. Que as pessoas que gostam de me ouvir, o digam, se o entenderem.

**BEATRIZ FELÍCIO**

Com uma voz poderosa, Beatriz Felício é uma das promissoras intérpretes de fado da sua geração. Nascida numa família sem ligações à música, descobriu, ainda criança, que queria ser fadista. Foi no circuito das casas de fado de Lisboa que fez a sua aprendizagem, escutando e convivendo com os grandes pilares da tradição fadista. No dia 21 de junho de 2024 apresentará o seu álbum de estreia no Centro Cultural de Belém. Um disco da label do Museu do Fado apresentado ao vivo num concerto que será, seguramente, memorável. 🎵

REALFADOCONCERTS.COM   
INSTAGRAM.COM/REALFADOCONCERTS   
REALFADOCONCERTS@GMAIL.COM 

# REAL FADO

AUTHENTIC FADO AT  
ASTONISHING VENUES

19H  
QUINTAS-FEIRAS  
📍 Pavilhão Chinês

19H  
SEXTAS-FEIRAS  
📍 Reservatório  
da Patriarcal

19H  
DOMINGOS  
📍 Embaixada

**Real Fado: Fado Autêntico em Locais Deslumbrantes. Uma Experiência Musical Única no Coração do Príncipe Real, Lisboa.**

Descubra o Fado nos concertos envolventes do Real Fado, realizados em locais deslumbrantes no Príncipe Real. Celebre o património cultural português todas as quintas, sextas e domingos, desfrutando de uma hora de concerto em ambientes únicos, como um bar icónico da cidade, uma cisterna subterrânea e um palacete neoárabe do século XIX.

Uma experiência intimista antes do jantar que combina tradição e as novas tendências no cenário romântico deste bairro encantador.

BILHETES E  
INFORMAÇÕES



PROMOTOR

EastBanc

PRODUÇÃO

fADOS  
FADO DO PRÍNCIPE REAL

PARCEIROS

EMBAIXADA

MUSEU  
DA ÁGUA

EPAL  
Entidade Pública de Portugal

Gin Lovers

PAVILHÃO  
CHINÊS  
BETA

MUSEU  
DO FADO  
-ROSEAC-



FOTOGRAFIA:  
JENNIFER LIMA PAIS



# Porque é tão importante o silêncio no Fado (e na vida, já agora)?



Alguns dirão que é uma questão de respeito pelos músicos e fadistas, outros que devemos ter em consideração os demais espetadores/ouvintes, outros ainda que é uma questão de tradição. Não contesto nenhuma das três teorias, aliás, concordo com todas. Mas há uma razão que é, para mim, mais importante que estas. Já lá iremos, peço-vos um pouco de paciência.

Esta canção urbana a que alguém, certo dia, resolveu chamar de Fado, tem características muito próprias, mais ou menos definidas e até, de certa forma, explicadas de maneira muito pouco racional e científica. Este é o motivo por que, quando questionados sobre “o que é o Fado?”, muitos fadistas e músicos ficam sem saber o que dizer, gaguejam, hesitam... Não serei eu a atrever-me a defini-lo: ao longo da minha vida dei por mim a responder a esta pergunta das mais variadas formas, provavelmente todas elas erradas ou incompletas, fruto da minha significativa ignorância e reverente humildade. Talvez por isso, com a sua reconhecida inteligência e sagacidade, Amália terá, à mesma pergunta, respondido o seguinte: “O que interessa é sentir o fado. Porque o fado não se canta, acontece. O fado sente-se, não

se compreende, nem se explica.”

Ora aqui está: se o Fado se deve “sentir”, como é possível fazê-lo sem silêncio? Como poderemos entender a mensagem, partilhar as emoções de fadista e músicos, compreender a dinâmica entre estes...sem silêncio?

*Arrisco-me a fazer apenas uma afirmação no sentido de “definir” o Fado: aquilo que é e sempre foi fundamental no Fado é a palavra.* A palavra, quando bem amparada musicalmente e cantada com a intenção devida (para além de questões básicas como uma correta dicção, divisão, entoação, etc), tem o poder de encantar, surpreender, emocionar, rir...e é essa a verdadeira magia do Fado, que nos transporta para uma outra dimensão, a dos sonhos, do etéreo, do intangível. É aí que residem os poetas. Como poderemos nós, espetadores, apreender tudo isto, sentir tudo isto, deixar-nos levar por tudo isto...sem silêncio?

Nas verdadeiras catedrais do Fado - onde fadistas, músicos e apreciadores vão “rezar” – temos todos a responsabilidade de zelar pela criação do melhor ambiente possível: o intimismo, a proximidade, até um certo misticismo que sentimos na maio-





Por Rodrigo  
Costa Felix



“

*se o Fado se deve “sentir”,  
como é possível fazê-lo sem  
silêncio?*

”

ria das Casas de Fado são, sem qualquer sombra de dúvida, alguns dos ingredientes fundamentais para que o Fado realmente “aconteça”. Como um dos proprietários de uma Casa de Fados, cumpro diariamente o papel de informar a quem nos visita da importância fulcral de haver silêncio durante as atuações, pois sem ele torna-se impossível experienciar o verdadeiro fenómeno do Fado. Com delicadeza, explicamos a estrangeiros e portugueses que o silêncio é não apenas um sinal de respeito pelo trabalho de fadistas e músicos, mas também imperativo para que todos os presentes possam disfrutar da experiência da melhor forma possível. Mesmo que não entendam as palavras que o Fado canta, em silêncio é mais fácil intuir o seu significado e entender a transcendência de cada nota, cada acorde, cada lágrima. Não é por acaso que muitos apreciadores de Fado o escutam de olhos fechados. Olham para dentro, vestem as palavras que os fadistas cantam como se suas fossem, identificam-se com elas e com as suas próprias histórias de vida. Como uma catarse, libertam-se de mágoas e dores de alma, porque entendem que não estão sós. Esta simbiose, esta empatia que o Fado promove e abraça são verdadeiramente únicas, mágicas. E nada disto poderá conseguir-se sem silêncio. Mas o Fado também é espetáculo (será?).

Também vai às grandes salas, aos maiores palcos do mundo.

É possível tudo isto que descrevi acima acontecer num grande teatro, com várias centenas, milhares de pessoas a assistir? Até poderá ser. Sim, pode acontecer. Já pude, felizmente, constatá-lo.

Como será isso possível? Como criar todas as condições necessárias para que “aconteça” Fado num espaço tão grande, por vezes tão impessoal, com tanta gente?

Para além das óbvias qualidades e talentos dos artistas, considero que a educação e civismo dos espetadores, as características específicas das salas e da forma como são geridas (no controle do uso de telemóveis, por exemplo), a proximidade entre músicos e audiência, são todos fatores importantes e decisivos.

Mas acima – ou no mínimo a par - de tudo isto está o silêncio. E aqui falo do silêncio como ausência de ruído! Como sabem, o termo ruído está naturalmente associado ao som, ao barulho, à poluição sonora..., mas não poderá também haver ruído visual? Demasiada informação não poderá também tratar-se de ruído?

Pois bem, eu diria que sem dúvida. E não tem vindo a ser esse o caso de grande parte dos concertos de Fado (Fado?) por este país e por esse mundo fora? Cenários com múltiplos ecrãs, projeções várias, sumptu-

osos décors, jogos de luzes extravagantes? Para não falar, claro, das baterias, percussões variadas, etc, todo um rol de instrumentos, tradicionalmente alheios ao Fado (este tema dava para todo um outro artigo, por isso fico-me, para já, por aqui). Não será tudo isto, também, uma forma de ruído? Não estaremos, com tanta parafernália, a afastarmo-nos do essencial, do genuíno, do puro, da tal transcendência de que falei acima? Não contribuirá todo este excesso de informação para um alheamento do espetador daquilo que é a verdadeira essência do Fado e que aqui tentei descrever? E será isto propositado? Com que finalidade? Não correremos o risco de estar a transformar o Fado em simples entretenimento, quando o Fado é e deverá ser muito mais profundo, muito mais simples, mais genuíno?

Não pretendo saber as respostas a todas estas perguntas e muito menos a pretensão de ter razão sobre as questões que aqui vos vim apresentar. Apenas um desejo de quem por aqui anda há mais de trinta anos e continua em constante aprendizagem: que saibamos todos voltar a olhar para dentro de nós, para dentro do Fado e escutar em silêncio o tanto que ele tem para nos dar. Porque só no silêncio se escutam, verdadeira e intimamente, as coisas belas. ♪♪

# A alma é o segredo desde 1995.



Em pleno coração de Alfama, paredes meias com a insigne Sé de Lisboa, encontramos o Clube de Fado, paragem obrigatória para todo o visitante, português e estrangeiro, que aprecie a excelente cozinha tradicional portuguesa e o som da guitarra portuguesa acompanhando um prestigiado elenco de Fado. Quando se entra no Clube de Fado, sentimos de imediato uma atmosfera diferente: cálida, romântica e mística.

A sua arquitetura fala-nos de uma existência milenar. As sólidas e históricas paredes, as colunas, o poço moiro, o teto ogival e as lages, tudo potencia uma experiência única. A decoração é sóbria e acolhedora, o ambiente é selecionado e requintado nas duas magníficas salas recentemente renovadas ao nível da iluminação e da decoração, trazendo a modernidade e reforçando o charme que a distingue como uma das mais emblemáticas casas de fado de Lisboa, ponto de paragem obrigatória para milhares de visitantes anuais que chegam de todas as latitudes.

Da carta fazem parte algumas especialidades como o “Bacalhau à Clube de Fado” e o “Medalhão do Lombo à Portuguesa”, ou alguns ex libris como o “Polvo à Lagareiro” e a “Cataplana de Corvina”, entre uma variedade de outras iguarias, concebidas para tornar ainda mais saborosa a experiência a usufruir do Clube de Fado.

*São vários os fadistas que afamam o Clube: Cristina Madeira, Carlos Leitão, Lina, Maria Ana Bobone, Peu Madureira, Sara Paixão, Silvana Peres, Sofia Ramos e Zé Maria. A equipa de músicos é composta pelos guitarristas David Ribeiro, José Manuel Neto e Rui Poço, os violistas Flávio Cardoso e Pedro Salão, e o contrabaixista Paulo Paz.*

Ir ao Clube de Fado é mergulhar nas águas mais puras da tradição do Fado, são quase trinta anos de inequívoco respeito por uma das mais inebriantes músicas de todo o mundo, oportunidade única para passar uma noite inesquecível. ♪♪



# Joel Pina

## 1920-2021



© Coleção Museu do Fado

FADISTA 12

Ao longo de décadas sucessivas e durante cerca de 80 anos de vida artística, Joel Pina protagonizou alguns episódios do maior significado para a história do Fado. Teve um contributo determinante para a consagração do Fado como Património Cultural Imaterial da Humanidade (UNESCO) e com Amália Rodrigues, que acompanhou em palcos e gravações ao longo de quase três décadas, levou o Fado ao mundo. Profundamente acarinhado por distintas gerações de intérpretes e músicos, Joel Pina é um nome indissociável da história do fado pela sua contribuição fundamental na integração da viola-baixo no acompanhamento de fado.

João Manuel Pina nasceu no Rosmaninhal, aldeia do concelho de Idanha-a-Nova, a 17 de Fevereiro de 1920. Foi através das emissões radiofónicas que teve os primeiros contactos com o Fado, ainda em criança. Começou por tocar bandolim, seguindo-se a viola e a guitarra. Quando se muda para Lisboa, frequenta o Café Luso onde conhece Martinho de Assunção que o convida a integrar o Quarteto Típico de Guitarras de Martinho de Assunção, com Francisco Carvalhinho e Fernando Couto. É aqui que Joel Pina se dedica à viola-baixo e se profissionaliza, adoptando o nome artístico por que viria a ficar na história do Fado. Integra também o elenco da Adega Machado, com Francisco Carvalhinho na guitarra e Armando Machado na viola. É nesta época que começa a construir a presença da viola-baixo no acompanhamento instrumental de Fado, que até então não era habitual. Mantém-se no elenco durante 10 anos.

Joel Pina foi também um dos fundadores do Conjunto de Guitarras Raul Nery com Fontes Rocha e Júlio Gomes, quarteto que alcançou sucesso extraordinário com o seu programa de



© Coleção Museu do Fado

guitarradas na Emissora Nacional e no acompanhamento de Amália Rodrigues ou Maria Teresa de Noronha. Além destes dois nomes absolutamente incontornáveis da história do Fado, Joel Pina tocou ainda, em gravações e espectáculos, com fadistas como Carlos do Carmo, Carlos Zel, João Braga, Fernando Farinha, Nuno da Câmara Pereira, João Ferreira-Rosa, Teresa Silva Carvalho, Fernanda Maria, Celeste Rodrigues, Carlos Ramos, Lenita Gentil, Rodrigo ou, mais recentemente, Cristina Branco, Joana Amendoeira e Ricardo Ribeiro.

O seu percurso artístico é consensualmente reconhecido. Foi condecorado em Maio de 1992 com a Medalha de Mérito Cultural pelo Estado Português. Em 2012 recebe a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique e a Medalha de Ouro da Cidade de Lisboa.

Em Setembro de 2020 a Câmara Municipal de Lisboa e a Egeac | Museu do Fado prestam-lhe homenagem no Teatro São Luiz descerrando uma placa com o seu nome junto à placa evocativa de Amália Rodrigues. No mesmo dia, participam num concerto de celebração dos seus 100 anos, Ana Sofia Varela, António Pinto Basto, António Zambujo, Beatriz Felício, Carminho, Gaspar Varela, Gonçalo Salgueiro, Joana Almeida, Joana Amendoeira, João Braga, Katia Guerreiro, Lenita Gentil, Maria da Fé, Mariza, Matilde Cid, Mísia, Nuno da Câmara Pereira, Pedro Moutinho, Ricardo Ribeiro, Rodrigo Costa Félix, Rodrigo Rebelo de Andrade, Tânia Oleiro, Teresa Siqueira, Teresinha Landeiro e Zé Maria.

“O fado é a música que mais me emociona”, diz-nos Joel Pina no documentário “Fado”, de Aurélio Vasques e Sofia de Portugal (2012). Não será por acaso que no seu percurso musical encontramos mais de seis décadas de Fado! ♪♪



© José Frade/Egeac - Coleção Museu do Fado

PUB

# MUSEU DO FADO



## Visite-nos!

**EXPOSIÇÕES**  
**CONCERTOS**  
**ESCOLA DO MUSEU**  
**OFICINA DE CONSTRUÇÃO DE GUITARRA**  
**CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO**  
**LOJA TEMÁTICA**

COMO CHEGAR  
METRO TERREIRO DO PAÇO / SANTA APOLÓNIA (LINHA AZUL)  
AUTOCARROS 728, 735, 759, 794  
PARQUES DE ESTACIONAMENTO  
CAMPO DAS CEBOLAS e TERMINAL DE CRUZEIROS

WWW.MUSEUDOFADO.PT  
FACEBOOK.COM/MUSEUDOFADO  
INSTAGRAM.COM/MUSEUDOFADO  
X.COM/MUSEUDOFADO

## MUSEU

Terça a Domingo, 10h - 18h  
(últimas entradas: 17h30)

LARGO DO CHAFARIZ DE DENTRO, Nº 1  
(ALFAMA) 1100-139 LISBOA  
T. 218 823 470  
INFO@MUSEUDOFADO.PT



EGEAC

MUSEU DO FADO



PATRIMÓNIO DA HUMANIDADE

# José Geadas entrevista Luís Guerreiro

## És natural de onde?

Sou natural de Cascais, mas sou filho de pais alentejanos. Os meus pais são do Baixo Alentejo mas mudaram-se porque o meu pai trabalhava para uma empresa de Cascais, onde nasci a 16 de abril de 1976.

## Quando é que surgiu o teu primeiro contato com a guitarra portuguesa. Quem foi o teu impulsionador?

O meu contacto com a guitarra acontece desde muito cedo, de criança, porque o meu pai adorava fados, tinha imensas cassetes de fado, portanto sempre esteve muito presente o som da guitarra portuguesa em casa. Na verdade, tinha pouco acesso a outro tipo de músicas, sendo que acabou por ser natural desenvolver o gosto por este instrumento. Foi o melhor que me aconteceu.

## Foi importante para criar o tipo de linguagem instrumental?

Sim, foi. Eu também tinha um vizinho que morava duas casas ao lado, que também tocava guitarra, embora não fosse profissional, tinha outros trabalhos, mas adorava guitarra portuguesa, e como as nossas famílias eram muito amigas, o contacto direto com o instrumento surgiu naturalmente.

## Ou seja, esse vizinho acabou por ser então o teu primeiro mestre?

Efetivamente, porque o meu pai, quando fiz nove anos de idade, decidiu oferecer-me uma guitarra portuguesa como presente de aniversário, já com essa expectativa de aprendizagem com o meu vizinho. Francamente, fiquei muito admirado, não estava à espera, era um brinquedo sem rodinhas (risos). Comecei então a aprender desde essa altura. Lembro-me que o primeiro fado que aprendi, foi o Fado Isabel, que tocava só numa corda.

## Tiveste mais algum mestre guitarrista que te encaminhasse?

Sim, mais tarde, quando percebo realmente o gosto pela guitarra e a vontade de querer fazer vida do instrumento, o meu pai inscreve-me numa escola de música, onde lecionava o António Parreira, que substituiu o Alcino Frazão que também dava lá aulas. E é, portanto, a partir daí, com o Mestre António Parreira, que para além da relação professor-aluno, se cria um laço de ligação maior.

## Quais são as tuas maiores referências na guitarra portuguesa, no fado?

As minhas referências são as referências comuns e transversais a todos nós, guitarristas, não só aqueles que infelizmente já partiram, mas também os presentes. Por natureza, tenho muita admiração por quem gosta do instrumento só por si, independentemente daquilo que tocam, porque há sempre novidades que aprendemos uns com os outros. É uma linguagem que passa muito pela palavra, pelo contacto visual e pela experiência.



© Aurélio Vasquez

Portanto, as minhas referências acabam por ser as referências de todos, que de entre alguns, correndo o risco de me esquecer de alguém, como o Jaime Santos, o Armandinho, Carvalhinho, Zé Nunes, Domingos Camarinha, Raul Nery, Carlos Paredes, Ricardo Rocha, José Manuel Neto, Mário Pacheco, entre tantos, que acabam por ciar o universo geral da guitarra portuguesa, da sua história, que influencia o nosso percurso. E no meu caso particular, o António Parreira, que teve um papel importantíssimo também no meu desenvolvimento, que me deu as bases fundamentais da guitarra.

## Tendo em conta a tua virtuosidade na guitarra, que te leva a ser um dos guitarristas mais solicitados dos últimos vinte anos, destacas alguma temporada de concertos, de palcos que pisaste e de artistas que tenhas acompanhado?

Nos primeiros anos de Marisa tivemos um fluxo de concertos incrível, foram alguns anos seguidos, talvez uns oito, a ter uma média aproximada de 160 concertos por ano. Tive a sorte e a

felicidade de tocar em todos os grandes palcos do mundo, com salas que impressionam, como o Palau da Música, em Barcelona, o Carnegie Hall, em Nova York, o Royal Albert Hall, em Londres, Walt Disney Concert Hall, em Los Angeles, o Tea-

“

*Tive a sorte e a felicidade de tocar em todos os grandes palcos do mundo, com salas que impressionam...*

”

tro Real Carré, em Amsterdão, são salas onde tive o privilégio de tocar e que me marcaram bastante. E às vezes não é só pelo nome ou pela imponência que as distingue, porque muitas vezes em salas mais pequenas, são as pessoas, a atmosfera e o clima que nos rodeia que tornam os lugares especiais. Lembro-me de nos primeiros anos, em que tocávamos em salas mais pequenas, que pelo facto de ser novidade, de viajarmos bastante, de podermos levar a nossa cultura a outros povos, que isso nos dava uma energia extra e que tornava tudo muito especial. Estávamos em êxtase, por tudo o que estava a acontecer.

**Para além de guitarrista acompanhador de tantos outros artistas com quem continuas a pisar palcos, também te assumes como guitarrista solista. Tens algum projeto apenas instrumental?**

Sim, participei num projeto que me deu imenso prazer gravar, com o Yamandu Costa e o Martin Sued. Era um projeto de que já tínhamos falado, quando me cruzei uma vez no Brasil com o Yamandu, em que criámos uma amizade muito bonita, muito forte, e que fez com que desenvolvessemos este trabalho discográfico.

Trabalhos a solo, em meu nome, ainda não tenho, mas é um projeto em que vou pensando e que quero fazer, mas as coisas vão andando para a frente e surgem outros desafios que vão acontecendo



pelo meio, mas sim, está no meu horizonte e a curto prazo, desenvolver e criar esse trabalho.

**Entretanto abraçaste o projeto de ter uma casa de fados, o “Fado ao Carmo”. Como é que está a ser a experiência?**

A experiência está a ser muito enriquecedora e incentivadora. É com muito esforço, muita dedicação e alguma glória (risos), mas pelas pessoas que conhecemos, pela divulgação também da nossa cultura, que tentamos fazer no dia-a-dia, que de facto, tem tornado efetivamente esta experiência mesmo muito enriquecedora. É uma atividade que ocupa bastante tempo, porque gerir um restaurante requer muita organização e empenho constante e diário, não é só abrir portas. O projeto acabou por surgir durante a pandemia, num período em que estávamos parados e que de certa forma nos obrigou a repensar o futuro. Como já existia o desejo de ter uma casa de fados, acabei por concretizar o projeto, juntamente com o Rodrigo Costa Félix, com quem já partilhava essa vontade.

**Que responsabilidade sentes ao ser um dos guitarristas de maior referência para as gerações mais novas?**

Sabes, eu não tenha nada essa sensação, não acho que seja referência, nem sequer para mim (risos), as minhas referências são outras, não sou eu, portanto. Não sei o que é que as pessoas sentem quando me ouvem tocar, mas se realmente consigo transmitir alguma coisa, fico muito feliz com isso. Mas quanto à ideia da responsabilidade tão grande de ser uma referência para outras pessoas, sinceramente, acho que não e nem acho que o que sei, possa sequer ter essa dimensão.

**Eu tenho a certeza que sim, (risos). Que mensagem ou conselho podes deixar para os novos guitarristas que te seguem e te vêm como inspiração?**

O maior conselho que dou é de irem aos fados e ouvirem muito fado, ver e ouvirem guitarristas, ouvirem muita música e diversificada, ouvirem linguagens diferentes, só assim é que se consegue chegar a uma linguagem própria. >



## BIOGRAFIAS

### LUÍS GUERREIRO

“Luís Guerreiro é um dos expoentes da guitarra portuguesa contemporânea. Foi por influência do seu pai que sentiu despertar a curiosidade para a guitarra portuguesa e, conseqüentemente, para o Fado, já que foi das mãos dele, aos 9 anos, que recebeu a sua primeira guitarra.

Enquanto frequentava a Academia de Música, veio a conhecer outro importante guitarrista português, António Parreira, com quem começou a ter aulas particulares.

Surgiu em seguida a oportunidade de tocar no Forte Dom Rodrigo, inicialmente como convidado, posteriormente substituindo António Parreira sempre que este se encontrava ausente. Este foi o seu primeiro palco, um espaço onde trabalhou, entre outros, com os fadistas Ivone Ribeiro e Manuel de Almeida, um excelente espaço de aprendizagem, onde passavam “grandes mestres, como o Fontes Rocha e outros”.

Em 2001 dá o seu primeiro concerto individual no CCB percorrendo, como solista, o repertório dos mais emblemáticos guitarristas da história do Fado. No mesmo ano, surge o primeiro contacto com Mariza, vindo a integrar de forma permanente o elenco de músicos da artista a partir de 2003. Em 2005 participa no documentário de Simon Broughton para a BBC, Mariza and the Story of Fado.

Passando pelas principais Casas de Fado de Lisboa torna-se rapidamente num dos mais requisitados executantes de guitarra portuguesa, apresentando-se nos mais importantes palcos nacionais e internacionais com os grandes nomes do Fado, como Celeste Rodrigues, Mariza, Camané, António Zambujo ou Carminho, entre outros.

As suas referências são os guitarristas Jaime Santos, José Nunes e Raul Nery, e muitos que estão atualmente a tocar, como o José Manuel Neto”.

Fonte: Museu do Fado



### JOSÉ GEADAS

Geadas é sinónimo de continuidade. O jovem fadista e compositor tem uma matriz muito vincada no Fado Tradicional e tem como prioridade honrar aquilo que o define. Vencedor da Grande Noite do Fado em 2006, o percurso de Geadas conta já com atuações em salas e festivais de renome, várias internacionalizações e a constante presença nas mais conceituadas casas de Fado de Lisboa.

“Outros Amores” foi o seu disco de estreia, composto maioritariamente de melodias tradicionais, que vem dar a conhecer ao grande público todo o seu talento. ♪♪



Entrevista do Jornal do Fundão a Amália Rodrigues

## “A Beira Baixa influenciou a minha maneira de cantar”

“É à França que devo o meu sucesso em todo o mundo”, disse numa entrevista em Paris ao JF, Amália Rodrigues. “A minha maneira de cantar talvez tenha sido influenciada pela Beira Baixa” conta Amália que se lembra como a mãe cantava a Santa Luzia, os Martírios e as cantigas de Natal. “Eu estou velha, mas aquilo que canto não está”, afirmou ela ao Jornal do Fundão.

Por Abílio Laceiras, em Paris

### Paris, e esta sala Olímpia dizem-lhe o quê?

Diz-me 37 actuações no Olímpia. Há 35 anos que comecei a vir actuar a Paris. Para além do Olímpia estive no Bobino várias vezes, porque antigamente quem tivesse sucesso no Olímpia e não tivesse no Bobino não era completo.

Por acaso tive sorte e fui cantar nos dois. Agarrei o público popular e o que não era popular, o que era daqui. O Olímpia naquela altura não era nada do que é hoje. Era uma casa dirigida por um grande senhor do espectáculo, um grande cozinheiro de espectáculos, o senhor Coquauarrix. Naquela altura não vinha aqui ninguém sem ser um dos primeiros bons cantores que preenchia a primeira parte, sendo a segunda parte preenchida pela vedeta do espectáculo total. A vedeta americana era quem fechava a primeira



da cantava voltaram a contactar-me.

### Nunca quis ficar definitivamente em Paris?

Poderia ter ficado. As pessoas queriam que eu ficasse cá. No ponto de vista material era melhor ficar, mas do ponto de vista sentimental foi melhor ter ficado em Portugal. Mas é aqui à França que devo o meu sucesso em todo o mundo. Eu já tinha ido a Nova Iorque, ao México, Brasil, Espanha, Berlim, a vários sítios antes, mas a força desta casa e desta cidade sentem-se em toda a Europa e em todo o mundo. Os meus discos partiram daqui até ao Japão. O contacto era com a França, não era com Portugal. Portugal não tinha esses contactos.

### A maneira como interpreta o fado tem a ver com as suas origens na Beira Baixa?

Terá. A minha maneira de cantar talvez tenha sido influenciada pela Beira Baixa porque a minha família é toda da Beira Baixa. A minha mãe cantava muitas cantigas da Beira Baixa. A Santa Luzia, os Martírios, cantigas de Natal. E as minhas tias também. É o sangue, não é a influência. O meu irmão Vicente e outras irmãs que tenho nasceram lá e não têm a mesma coisa que eu tenho. Eu recebi mais sangue



da Beira Baixa. Acho que a Beira Baixa é a terra onde há melhor música de folclore. É quase ao nível do Alentejo, está um bocadinho mais para cima. Como o Minho é a única região de Portugal onde se cante e se é alegre. O sul é mais tristonho. A Beira Baixa suponho que também tem uma influência ao mesmo tempo judaica. Porque os judeus dizem que têm um oi ou e nós temos um ai ai. Não é que eu tenha qualquer coisa de particular, o que recebi como as mãos, os ouvidos ou a cabeça, veio dos meus pais. O meu pai era de Castelo Branco a minha mãe era do Fundão, os meus irmãos são todos do Fundão, a minha avó de Alcaria e um avô no Souto da Casa. Tudo gente dali. Eu não tenho sangue que não seja da Beira Baixa. Ainda por cima tenho o nome de Rebordão e não há Rebordão nenhum que não seja dali. Talvez isso tivesse influência, mas era sem dar por isso. Não foi de propósito.

Eu cantava quando era miúda e cantei sempre, desde os 4 ou 5 anos. A minha avó até me dizia: “Oh rapariga! Cala-te que já não te posso ouvir”. Depois, quando me mandava cantar eu não cantava. Quando não queria que cantasse, cantava sempre. ♪♪

Entrevista de Abílio Laceiras para o Jornal do Fundão em 1992, republicada no livro “Amália: a Raiz e a Voz”, coordenação Arnaldo Saraiva e edição JF 2020

“

Mas é aqui à França que devo o meu sucesso em todo o mundo

”

parte e, para começar o espectáculo já tinha que ser um artista muito bom. E eu era quem fazia os espectáculos. Hoje em dia é muito diferente. Contratam-se artistas de cá. Aznavour, Becaud, por exemplo, como agora me estão a fazer a mim, mas há muita gente que pode encher a casa e antigamente não faziam isso.

Eu andei em França a cantar durante 15 anos. Percorri a França inteira e sempre com muito sucesso. Já depois comecei a cantar para os portugueses de quem gosto muito. As pessoas pensavam que já não cantava e quando souberam que ain-

# À volta e por dentro da Guitarra Portuguesa



Quando falamos ou pensamos em “Fado” enquanto género musical, e mentalmente criamos uma imagem iconográfica associada, é altíssima a probabilidade da visualização associada se traduzir na figura do instrumento musical a que hoje chamamos *Guitarra Portuguesa*. De facto, é difícil encontrar um cartaz dum programa de fados, um logotipo, uma outra qualquer promoção que lhe seja relativa em que a mesma não apareça.

E é assim porque a mesma, há bem mais de cem anos, está indelevelmente ligada ao género, sendo-lhe, para a maioria das pessoas, indispensável. Creio não errar muito ao afirmar que tal se deve não só à sua portabilidade, mas também ao facto da sua amplitude melódica, da sua polifonia, da sua apetência a expressar emotividade e sólido contraponto às palavras cantadas, em suma, a sua profundidade harmónica e melódica, constituir o complemento perfeito à voz humana que lhe dá corpo e sentido, secundarizando outros instrumentos que antes haviam desempenhado esse papel, ou que ainda hoje o tentam, sem igual sucesso.

Não cabe aqui nem agora discorrer sobre a origem histórica da Guitarra Portuguesa, uma *vexata quaestio* ainda com muitas

discussões, divergências e diferentes teorias, havendo quem estabeleça a paternidade na guitarra inglesa, no alaúde árabe ou nas cítaras europeias. Certo é que chegou ao nosso país e desde meados do Séc. XIX transformou-se, evoluiu, modificou-se e vêm-se adaptando ao que lhe pedimos, sendo nos dias de hoje uma verdadeira obra e realização portuguesas.

Morfologicamente – uma vez estabilizado o sistema do cravelhame através de parafuso cravado em leque e o cordoamento em seis ordens duplas com afinação à oitava nas três últimas – deve dizer-se que existiram principal e inicialmente dois subtipos correspondendo ao que hoje catalogamos como *Guitarra do Porto* e *Guitarra de Lisboa*, cujas principais diferenças, sem valorizar aqui as de natureza meramente estética ou ornamental, estavam no tamanho do corpo e braço – menores na primeira referida – bem como no facto da escala ter apenas 17 trastes na do Porto e 23 na de Lisboa. O devir do tempo fez cair em desuso o modelo da guitarra do Porto que hoje já não é praticamente utilizada sendo agora um artefacto interessante e curioso, mas meramente museológico.

A partir da guitarra de Lisboa – cujo uso se estendia já a todo o território nacional – e das suas características, com a utilização que lhe começou a ser dada na Lusa Atenas, e, em espe-



Por João Paulo Sousa\*

cial, com o impulso do grande guitarrista Artur Paredes, associado inicialmente ao guitarrista Raúl Simões e posteriormente a todas as gerações de luthiers da família Grácio, o instrumento ganhou uma nova derivação para aquilo a que chamamos a *Guitarra de Coimbra*. Ganhou volume de caixa de ressonância, comprimento de escala e alteração de afinação, esta, traduzida num abaixamento geral numa segunda, normalmente compensada por encordoamentos de maior espessura para manter ou elevar a tensão do instrumento. As razões destas modificações radicarão provavelmente quer na especificidade do repertório próprio do instrumento que se vinha desenvolvendo, quer na procura duma maior potência e volumetria de som – não sendo de somenos o facto de em Coimbra, muito mais que em Lisboa, o instrumento ser mais utilizado em espaços exteriores - quer, eventualmente, na melhor adequação e conforto dos executantes aos timbres em voga dos cantores mais apreciados, num período, não esqueçamos em que o então chamado Fado de Coimbra se encontrava em pleno desenvolvimento e expansão.

Certo é que, apesar de haver notícia de várias outras afinações utilizadas em peças mais antigas (mesmo as que vinham transpostas dos instrumentos predecesores), neste período consolida-se a afinação que ainda hoje é a predominante (Si/Lá/Mi/Si/Lá/Ré – da primeira para a sexta ordem), que rapidamente, em Coimbra, passam a Lá/Sol/Ré/Lá/Sol/Dó, reais, e um pouco mais graves, em virtude do antes referido. Cumpre, neste momento, referir um dos acasos históricos inadvertidamente causados por tal transformação: apesar das notas reais terem mudado, não mudou o nome pelo qual continuaram a ser chamadas, o que tornou a variante da guitarra de Coimbra um instrumento transpositor, o que causa alguma confusão aquando da (e ainda bem) hoje sistemática transcrição das peças para partitura, optando uns por escrever as notas reais e outros a habitualmente chamada “afinação de Coimbra”. Quanto à escala – tendo em ambos os casos os referidos 23 trastes (ou “trastos”) – o mais habitual é que tenha 455 mm para Lisboa e 465 mm para Coimbra quanto ao seu comprimento. Também esta diversidade, segundo alguns construtores, resultando num tiro de corda diferente,

implica um posicionamento das barras harmónica diferente, e pode justificar alguma mudança no timbre geral dos instrumentos quando directamente comparados.

Uma brevíssima nota, relativamente à técnica de execução relativamente às duas “escolas”: sendo maioritariamente utilizada a técnica da “figueta” (percussão das cordas com o indicador e polegar direitos) a grande diferença está – para além do posicionamento de mão e especificidade dos ornamentos – no facto da flexão do indicador direito se fazer preferencialmente na primeira ou segunda falanges na técnica de Lisboa e na terceira falange na técnica de Coimbra. Já quanto à mão esquerda, salvaguardadas as diferenças quanto à dimensão das escalas, não se verificam diferenças sensíveis. Diga-se, por fim, que se continua a perseguir de forma relevante a otimiza-

“

*Nunca a Guitarra Portuguesa foi tão popular, universal, de acesso tão democrático e tão tocada (e bem)*

”

ção, procura e experimentação de novos materiais para utilizar na produção do instrumento – desde as madeiras ao carbono, às ferragens, às colas, às medidas e mesmo aos sistemas de captação e amplificação de som exigidas pelos grandes palcos, entre outros - numa evolução que continua, como, por outro lado, também se exploram outras variantes com os fundamentos básicos da guitarra portuguesa: é conhecida a guitarra barítono (*ou Guitolão*) a partir duma ideia de Carlos Paredes com construção de Gilberto Grácio, revivificada pelo trabalho de António Eustáquio, a novíssima Guitarra Saloia de Óscar Cardoso, não sendo de admirar que alguém pretenda chegar às versões Baixo ou Tenor, tornando-a, mais que um instrumento único, numa futura classe de instrumentos.

Sem prejuízo do antes referido, e das diferenças intrínsecas, estéticas e morfológicas dos modelos de cada um dos dois

subtipos principais mais comumente usados, *vem causando algum espanto a cada vez maior utilização de guitarras do modelo de Coimbra pelos guitarristas do Fado de Lisboa*. O fenómeno já não é recente e atribui-se a uma iniciativa do famosíssimo guitarrista José Fontes Rocha, sem prejuízo da manutenção da afinação “natural” e da utilização de cordas de secção mais baixa. Do que me é dado saber, tal preferência, e uma vez mais desvalorizando quaisquer questões meramente estéticas – em que o modelo de Coimbra é objectivamente mais sóbrio – justificar-se-á não mais do que pela maior potência e projecção de som e eventual maior conforto ergonómico de utilização do modelo. Talvez não seja também despiciendo considerar como factor desse conforto o crescimento físico do executante. De acordo com estudos feitos a esse propósito, o cidadão português médio cresceu 14 cm entre 1914 e 2014, o que é relevante. A uma alteração desta grandeza corresponderá certamente um proporcional aumento do tamanho de braços e mãos. E, bastará também comparar a volumetria dos instrumentos usados no início do Séc. XX com os que actualmente são utilizados, o que confirma a tendência.

Independentemente de todas as considerações feitas uma conclusão se impõe reconhecer: nunca a Guitarra Portuguesa foi tão popular, universal, de acesso tão democrático e tão tocada (e bem) por tantos e em tão diferentes ambientes musicais, como nos dias de hoje. Está, por isso, bem de saúde e recomenda-se. ♪♪

\*Professor Guitarra Portuguesa no conservatório de Música Azeredo Perdigão, Viseu; executante de guitarra e acompanhante de canção/fado de Coimbra; Advogado

O autor não escreve de acordo com o novo AO.

# Telheiro do Abílio

RESTAURANTE · MARISQUEIRA

Rua Do Terminal nº 20, Castelo Branco

Reservas: 272 347 303

[www.telheirodoabilio.pt](http://www.telheirodoabilio.pt)

Noites de Fado, uma vez por mês,  
sob a direção artística do Mestre Custódio Castelo.  
Próximo convidado: Nuno da Câmara Pereira | 4 Abril



## MARÇO

### Pedro Moutinho

30 março | 21H00

Cineteatro Municipal João Mota - Sesimbra

### Custódio Castelo - Quinteto

30 março | 21H30

Centro Cultural de Alcains - Castelo Branco

### Camané

30 março | 20H00 | Jantar Concerto

Casino Figueira - Salão Caffé

- Figueira da Foz

## ABRIL

### Sara Correia

6 abril | 21H30

Teatro Municipal - Covilhã

### Ana Láinis

6 abril | 21H30

Auditério Mun. Augusto Cabrita - Barreiro

### Ricardo Ribeiro

*Há Fado no Cais*

11 abril | 21H00

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório - Lisboa

### Aldina Duarte

17 abril | 21H00

Coliseu de Lisboa

### Bate Fado | Jonas & Lander

19 abril | 21H30

Theatro Circo - Braga

### Teresinha Landeiro

20 abril | 21H30

Teatro Cinema de Fafe

### Cristina Branco

27 abril | 21H30

Teatro Municipal - Covilhã

## MAIO

### Marta Pereira da Costa

11 maio | 21H00

Casa da Música - Sala Suggia - Porto

### Camané

11 maio | 21H30

Cine-teatro Avenida - Castelo Branco

### Ângelo Freire

*Há Fado no Cais*

24 maio | 21H00

Centro Cultural de Belém

Grande Auditório - Lisboa

## Eventos de Fado △ ◇ △ ◇

### III Festival de Fado de Estremoz

5 maio a 1 Junho

## JUNHO

### Festival Amália Rodrigues

14,15 e 16 junho

Fundão

### Beatriz Felício

*Há Fado no Cais*

21 junho | 21H00

Centro Cultural de Belém

Pequeno Auditório - Lisboa

### As Portas que Amália Abriu

| **Fado e Liberdade - Tertúlias**

Museu do Fado - Auditório Ruben de Carvalho

18 Abril | 19H00

**Joana Mortágua e Ana Rita Bessa**

9 Maio | 19H00

**Luís Cília e Mitó Mendes**

23 Maio | 19H00

**Carlos Tê e João Govern**

6 Junho | 19H00

**Luís Varatojo e Gaspar Varela**

20 Junho | 19H00

**Napoleão Mira e Sam The Kid**

27 Junho | 19H00

**Aldina Duarte e M<sup>a</sup> do Rosário Pedreira**



### MASTERCLASS DE FOTOGRAFIA

### TÉCNICAS DE FOTOGRAFIA EM CONCERTOS & ESPETÁCULO COM RODRIGO SIMAS

Quer aprender técnicas de fotografia de concertos e espetáculos e saber tudo sobre os bastidores e como funciona uma digressão de nível internacional? Participe desta Masterclass especial contendo uma parte prática de fotografia durante um dos espetáculos do Festival Amália Rodrigues e ministrada por Rodrigo Simas, fotógrafo oficial da Dave Matthews Band e do Coliseu dos Recreios.

**Público alvo:** Amantes da fotografia e de música, que queiram descobrir e aprender técnicas, segredos e dicas sobre a fotografia de espetáculo e de concerto.

#### Objetivos:

- Aprender como fotografar um espetáculo com as suas limitações de tempo, luz e movimentação
- Desenvolver o olhar para a perceção rápida da cena apresentada e desenvolver soluções de posicionamento e captação
- Como editar, tratar e exportar fotografias obtidas com o programa Adobe Ligthroom

+ INFORMAÇÕES: [www.fadocale.pt](http://www.fadocale.pt)



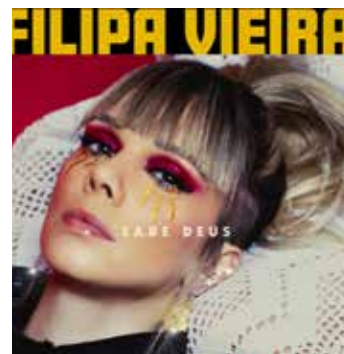
Ouçã aqui:



Ouçã aqui:



Ouçã aqui:



Ouçã aqui:



Ouçã aqui:



Ouçã aqui:



Desde o dia 6 de março de 2019, que numa conversa entre o seu proprietário, Paulo Machado, e a fadista Tânia Oleiro, se organizam tertúlias mensais de fado na Muralha, mantendo-se desde esse dia, geralmente, na 3ª quarta-feira de cada mês. São convidados fadistas, músicos, poetas, entre produtores de vinho, enólogos e outros produtores agroalimentares, num convívio de boa gastronomia, com provas sensoriais, harmonizações vínicas, poesia e fado, em noites de grande entrega.

Os convites artísticos são assim realizados pela fadista Tânia Oleiro, que convida sempre um artista mensalmente, habitualmente acompanhados pelos brilhantes músicos Pedro Pinhal e Pedro Amendoeira.

Tânia Oleiro teve o fado como berço, por condição, com um percurso no fado traçado com solidez, talento e dedicação,

sendo a sua voz reconhecida como uma das melhores da atualidade, sinónimo de bom gosto e elegância. Sem abandonar as convenções estéticas do fado, oferece novas soluções expressivas, num estilo simultaneamente discreto, doce e profundo, marca do seu carácter pessoal e artístico.

Entre os 70 artistas já convidados, passaram nomes como *Rodrigo*, *Teresa Siqueiro*, *Francisco Salvação Barreto*, *Maria da Nazaré*, *João Braga*, *Maria Amélia Proença*, *António Pinto Basto*, *Maria Ana Bobone*, *Silvana Peres*, *Miguel Ramos*, *Catarina Rosa*, *Maria do Céu Oleiro*, *Carlos Leitão*, *Ana Laíns*, *Mário Pacheco*, *José Geadas*, *Ângelo Freire*, *Sandro Costa*, *André Dias*, *Bernardo Couto*, *Pedro de Castro*, *José Manuel Neto*, *Pedro Amendoeira*, *Célia Leiria*, *Pedro Galveias*, *Mário Rainho*, *Tiago Torres da Silva*, *Tiago Correia*, *Beatriz Felício*, entre tantos outros.



#SustentabilidadeCA

# ESTAMOS CÁ POR UM BEM MAIOR

Acreditamos que não é o dinheiro  
que faz girar o mundo  
mas sim o bem que se pode fazer com ele.

Para mais informações:



[creditoagricola.pt](http://creditoagricola.pt) • 808 20 60 60  
Atendimento personalizado 24h/dia, 7 dias/semana



Crédito Agrícola

Região do Fundão e Sabugal

fundão  
365 dias à descoberta

# A MELHOR VISTA ESTÁ À SUA ESPERA!

22 março a 07 abril

CEREJEIRAS  
EM FLOR '24



consulte o programa



fundão aqui come-se bem



QUADRAGÉSIMA  
FESTIVIDADES DA QUADRAGÉSIMA

visitfundao.pt

## RESTAURANTES

1º DE JANEIRO | AS TÍLIAS | CASA CUNHA LEAL  
CANTINHO DOS GRELHADOS | DEGUSTA-ME  
PETISCOS | FIADO RESTAURANTE | HERMÍNIA  
O CALHAMBEQUE | O LAGAR | O MÁRIO  
O TELHAS | PALADAR' TE | PAPAS E MIGAS

## PASTELARIAS

A LARANJINHA | ALMMA | ARTE E DOCE  
FLOR DO FUNDÃO | FORMIGA | MAIS QUE PÃO

Festival Gastronómico  
da Sabores  
da Páscoa

23 A 31 MARÇO 2024

